Opinião

Rui Sá Correia
Arquiteto Paisagista
www.inoutside.pt

Da extemporânea mimetização

Repensar o património, sobretudo o construído que outrora cumpriu funções hoje alienadas das contemporâneas exigências, com o objetivo de o requalificar suscita inúmeras consternações.

Se reconstruir é sinónimo de refazer de novo, numa atitude mimética, já requalificar implica uma atitude mais proativa cujo objetivo principal é, interpretando os valores que acompanharam a linha temporal de determinado objeto, definir usos e funções adequados às necessidades atuais, exaltando os usos e funções de outrora.

A requalificação do património, tanto o construído como o paisagístico, pressupõe a reinterpretação dos seus valores socioculturais, económicos, ambientais, o respeito pelo espírito não só do objeto arquitetónico como também da paisagem onde aquele se inscreve e, sobretudo, das relações que estabelecem entre si. Porém a esta sustentada reinterpretação exige-se também enquadrar as funções e usos que outrora foram cumpridos com aqueles que hoje são exigidos.

A Carta de Cracóvia 2000, subscrita por Portugal, estabelece os princípios de conservação do património cultural, reafirmando a importância da mutabilidade dos valores tanto dos monumentos como também das comunidades. Salienta-se o princípio da identidade que se entende como "a referência colectiva englobando, quer os valores actuais que emanam de uma comunidade, quer os valores autênticos do passado". Sugere, portanto, uma adaptabilidade dos usos e funções do património de acordo com os requisitos atuais.

A alteração de valores obriga a uma reinterpretação da função do monumento quer se trate do construído quer do paisagístico. O objeto que em tempos cumpriu funções defensivas, como um castelo ou as torres-baluarte, hoje não se enquadra nos valores da sociedade. Assume-se como um objeto museológico, imutável e somente revelador de uma história e dos valores coletivos de uma sociedade. Carenciado de usos hodiernos, para além dos turísticos (os poucos que ainda vão justificando a sua preservação), estes monumentos tendem para um precoce e injustificado óbito.

Requalificar dita, portanto, que se reinterpretem os usos e funções deste património e que nele sejam integrados elementos e/ou objetos que salvaguardem e enalteçam a sua identidade, potenciando o seu uso pelas comunidades locais que, ao longo dos tempos, se viram impelidas a afastar-se dos seus monumentos.

Assevera-se a preservação de uma identidade coletiva, auferindo-lhe usos contemporâneos nos quais o passado, o presente e o futuro se integram simbioticamente através de uma roupagem que é extemporânea quer em termos de técnicas e materiais de construção quer, sobretudo, através de uma linguagem que em nada mimetiza o que é de outro tempo.